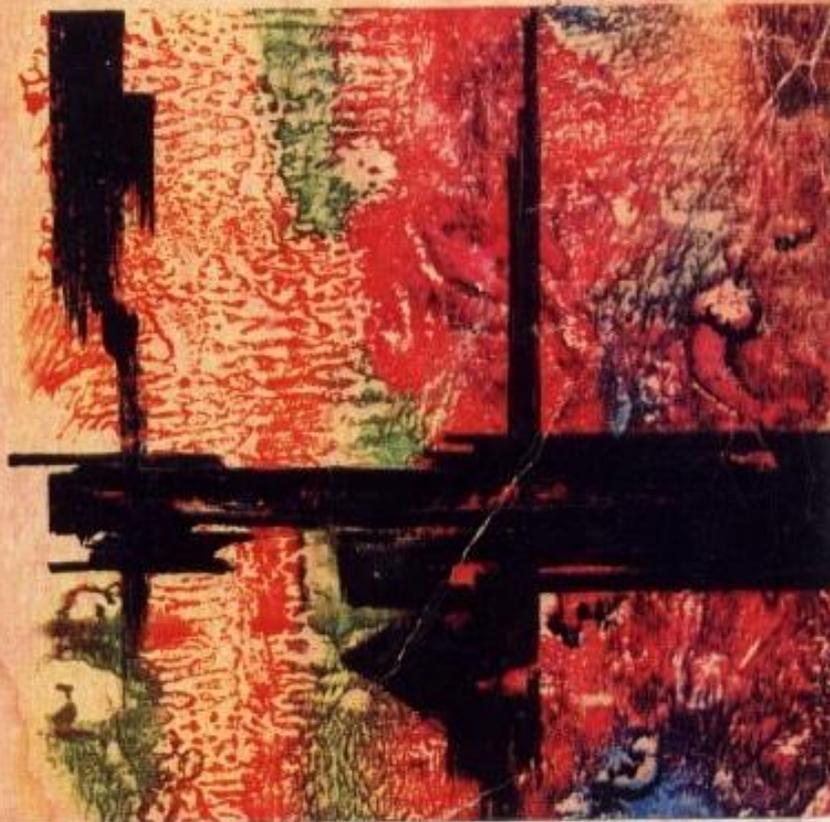


**Jean-Paul Sartre**

**Esbôço  
de uma Teoria  
das Emoções**



## INTRODUÇÃO

### *Psicologia, Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica*

A PSICOLOGIA é uma disciplina que pretende ser positiva, significando que deseja extrair os seus recursos exclusivamente da experiência. É verdade que já não nos encontramos no tempo dos associacionistas e que os psicólogos contemporâneos não se recusam a *interrogar e interpretar*. Todavia, desejam ter diante de si, como sucede com o físico, o seu objeto. Mesmo assim, porém, é necessário limitar esse conceito de experiência, quando se fala da Psicologia contemporânea, visto que, na realidade, poderá haver uma imensidade de experiências diversas e, por exemplo, será talvez necessário decidir se existe ou não uma experiência das essências ou dos valores, ou ainda uma experiência religiosa. O psicólogo só procura utilizar dois tipos de experiência bem definidos: a experiência que nos dá a percepção espaço-temporal dos corpos orgânicos e esse conhecimento intuitivo de nós próprios a que se chama a experiência reflexiva. Se entre os psicólogos existem debates de método, a verdade é que esses debates se dedicam quase uni-

camente ao seguinte problema: serão êsses dois tipos de informação complementares? dever-se-á subordinar um ao outro? ou será necessário eliminar decididamente um dêles? Contudo, os psicólogos concordam sôbre um princípio essencial: a sua investigação deve ter como ponto de partida, antes de tudo, os  *fatos* . Se procurarmos averiguar o que é um fato, verificaremos logo que êle se define por ser inevitável encontrá-lo durante o curso de uma investigação e por êle se apresentar sempre como um enriquecimento inesperado e como uma novidade em relação aos fatos anteriores. Não se deve contar com os fatos, portanto, para se organizarem por si mesmos numa totalidade sintética que, só por si, desvendasse o seu significado. Por outras palavras: se se dissesse que a Antropologia é uma disciplina que tem por fim definir a essência do homem e da condição humana, então a Psicologia — mesmo a Psicologia do homem — não é, e nunca será, uma Antropologia. A Psicologia, na realidade, não procura definir e limitar *a priori* o objeto em estudo. A noção do homem por ela aceita é totalmente empírica: existe no mundo certo número de criaturas que oferecem caracteres análogos à experiência. De resto, há outras ciências, a Sociologia e a Fisiologia, que nos ensinam haver certas ligações objetivas entre essas criaturas. Não é preciso mais para que o psicólogo, com prudência e a título de hipótese de trabalho, aceite limitar provisoriamente as suas investigações a êsse grupo de criaturas. Os meios de informação de que se dispõe sôbre elas são mais facilmente acessíveis, com efeito, visto que essas cria-

turas vivem em sociedade, possuem uma linguagem e fazem depoimentos. Todavia, o psicólogo não se compromete: ignora se a noção de homem não é arbitrária. Essa noção poderá ser *demasiado vasta*: nada nos diz que o australiano primitivo pode ser agrupado na mesma classe psicológica a que pertence o operário norte-americano de 1939. A noção também poderá ser *demasiado estreita*: nada nos diz que existe um abismo separando os macacos superiores de uma criatura humana. De todos os modos, o psicólogo evita rigorosamente considerar os homens que o rodeiam como sendo seus semelhantes. Essa noção de semelhança, a partir da qual talvez fôsse possível formar uma Antropologia, parece-lhe ridícula e perigosa. Confessará de boa-vontade, com as reservas acima apresentadas, que êle mesmo é *um* homem, isto é: que faz parte da classe provisoriamente isolada. Todavia, pensará que êsse caráter de homem lhe deve ser conferido *a posteriori* e que não pode, como membro dessa classe, ser objeto de um estudo privilegiado, a não ser no que respeita às necessidades das experiências. Saberá, unicamente pela bôca de *outras* pessoas, portanto, que é um homem, na realidade, e a sua natureza de homem não lhe será revelada de qualquer modo especial, sob o pretexto de que *é*, êle mesmo, aquilo que está estudando. A introspecção não nos dará mais, neste caso, como sucede em outros casos com a experimentação "objetiva", do que fatos. Se houver, mais tarde, um conceito rigoroso de *homem* — e mesmo isso é duvidoso — êsse conceito só poderá ser

encarado como coroamento de uma ciência feita, significando que será lançado ao infinito. Todavia, tal conceito, se se tornasse realidade, não seria mais do que uma hipótese unificadora inventada para coordenar e hierarquizar a série infinita de fatos apresentados. É o mesmo que dizer que a idéia do homem, se ela vier a tomar um sentido positivo, não será mais do que uma conjectura tendo por fim estabelecer relações entre materiais díspares e que só ganhará a sua veracidade do seu êxito. PIERCE definiu a hipótese: a soma dos resultados experimentais que ela permite prever. Dêsse modo, a idéia do homem não poderá ser mais do que a soma dos fatos verificados que ela permite unir. Assim, se certos psicólogos usassem certa concepção do homem *antes* que essa síntese final fôsse possível, isso só poderia acontecer a título rigorosamente pessoal e como fio condutor, ou melhor, como idéia no sentido kantista, e a sua primeira obrigação seria nunca perder de vista o fato de se tratar de um conceito regulador.

O resultado de tantas precauções é que a Psicologia, na medida em que pretende ser uma ciência, só pode fornecer uma soma de fatos heteróclitos, dos quais a maioria não tem qualquer relação entre si. Que haverá de mais diferente, por exemplo, do que o estudo da ilusão estroboscópica e o estudo do complexo de inferioridade? Esta desordem não tem origem no acaso, mas nos próprios princípios da ciência psicológica. Aguardar o *fato* é, por definição, aguardar o isolado; é preferir, por positivismo, o acidente ao

essencial, o contingente ao necessário, a desordem à ordem; é o mesmo que rejeitar, por princípio, o essencial no futuro: "será para mais tarde, quando tivermos reunido fatos suficientes". Os psicólogos não se dão conta, na realidade, de que é tão impossível alcançar a essência, acumulando os acidentes, quanto atingir a unidade, acrescentando indefinidamente algarismos à direita de 0,99. Se os psicólogos têm por finalidade única acumular conhecimentos de pormenor, então nada haverá a dizer; simplesmente, não se compreende o interesse desses trabalhos de colecionador. Contudo, se são animados, na sua modéstia, pela esperança, louvável em si, de que mais tarde se conseguirá realizar, com base nas suas monografias, uma síntese antropológica, então, na verdade, contradizem-se a si mesmos. Dir-se-á que esse é exatamente o método, e a ambição, das ciências da natureza. A isso, haverá que responder que as ciências da natureza não procuram conhecer o mundo e sim as condições de possibilidade de certos fenômenos de ordem geral. Já há muito tempo que essa noção de *mundo* se esvaiu sob a crítica dos metodologistas e isso sucedeu, justamente, por não ser possível, ao mesmo tempo, aplicar os métodos das ciências positivas e esperar que esses métodos levassem um dia a descobrir o sentido dessa totalidade sintética a que se chama *mundo*. Na verdade, o homem é um ser do mesmo tipo que o mundo, sendo mesmo possível, como acredita HEIDEGGER, que as noções de mundo e de "realidade-humana" (*Dasein*) sejam inseparáveis. É precisamente por isso, pois que a

Psicologia se deve resignar a sofrer a falta da realidade-humana, se é que essa realidade-humana existe.

Aplicados a um exemplo específico, o estudo das emoções, por exemplo, que resultará dos princípios e dos métodos do psicólogo? Em primeiro lugar, o nosso conhecimento da emoção acrescentar-se-á, vindo *de fora*, aos outros conhecimentos sôbre o ser psíquico. A emoção apresentar-se-á como uma novidade irreduzível, em comparação com os fenômenos da atenção, da memória, da percepção, etc. Os leitores poderão, na verdade, inspecionar êsses fenômenos, bem como a noção empírica que temos dêles, segundo os psicólogos; poderão olhá-los por dentro e por fora, conforme lhes apetecer, sem descobrir nêles a menor relação essencial com a emoção. Contudo, o psicólogo afirma que o homem tem emoções porque a experiência as ensinou. Dessa forma, a emoção é, em primeiro lugar, e por princípio, um *acidente*. Nos tratados de Psicologia, a emoção é apenas o tema de um capítulo, depois de vários outros capítulos, como o cálcio, nos tratados de Química, aparece depois do hidrogênio ou do enxôfre. No que respeita a estudar as condições de possibilidade de um emoção, ou seja, averiguar se a própria estrutura da realidade humana torna possíveis as emoções, e *como* as torna possíveis, isso pareceria, ao psicólogo, ser uma inutilidade e um absurdo: para que averiguar se a emoção é possível, pois que, precisamente, ela o é? É igualmente à experiência que o psicólogo recorrerá sempre para estabelecer os limites dos fenômenos emotivos, bem como a sua definição.

Na realidade, o psicólogo poderia ter-se apercebido, aqui, que já tem uma *idéia* da emoção, visto que, depois do exame dos fatos, traça uma linha de demarcação entre os fatos emotivos e aquêles que não o são: como poderia a experiência proporcionar-lhe um princípio de demarcação, se êle não o possuísse antes? Todavia, o psicólogo prefere limitar-se à crença de que os fatos se agruparam, por si próprios, ante o seu olhar. Trata-se, agora, *de estudar* essas emoções que foram isoladas. Para êsse fim, será necessário organizar situações emocionantes ou recorrer aos sêres particularmente emotivos que nos oferece a Patologia. Dedicar-nos-emos, então, a determinar os fatôres dêsse estado complexo, isolaremos as *reações corporais*, as quais poderemos estabelecer, de resto, com a máxima exatidão, os *comportamentos* e o *estado de consciência*, pròpriamente ditos. Poderemos, depois, a partir disso, formular as nossas leis e apresentar as nossas explicações, significando que tentaremos fixar êsses três tipos de fatôres numa ordem irreversível. Se eu fôr partidário da teoria intelectualista, por exemplo, estabelecerei uma sucessão constante e irreversível entre o estado íntimo, considerado como antecedente, e as perturbações fisiológicas, consideradas como conseqüentes. Se eu pensar, ao inverso, como os partidários da teoria periférica: “Uma mãe está triste por estar chorando”, limitar-me-ei, no fundo, a inverter a ordem dos fatôres. O que é certo, de qualquer modo, é que eu não procuraria a explicação ou as leis da emoção em estruturas gerais e essenciais da realidade humana, mas, pelo contrário, *nos processos da própria*

*emoção*, de forma que, mesmo devidamente descrita e explicada, a emoção jamais passaria de um fato entre outros fatos, um fato encerrado em si mesmo que nunca permitirá compreender outra coisa que não seja o próprio fato, nem apreender através dêle a realidade essencial do homem.

Foi por reação contra as insuficiências da Psicologia e do psicologismo que se constituiu, há cêrca de trinta anos, uma nova disciplina: a Fenomenologia. O seu fundador, HUSSERL, notou inicialmente a seguinte verdade: existe sempre uma incomensurabilidade entre as essências e os fatos, e aquêle que começa a sua investigação pelos fatos jamais conseguirá encontrar as essências. Se eu procurar os fatos físicos que se encontram na base da atitude aritmética do homem que conta e calcula, jamais conseguirei reconstituir as essências aritméticas de unidade, de número e de operações. De qualquer modo, sem renunciar à idéia da experiência (o princípio da Fenomenologia é chegar ao "miolo das próprias coisas" e a base do seu método é a intuição eidética), é necessário tornar mais elástica essa idéia e dar a importância devida à experiência das essências e dos valores; será mesmo necessário reconhecer que só as essências permitem classificar e examinar os fatos. Se não recorrêssemos implicitamente à essência da emoção, por exemplo, ser-nos-ia impossível distinguir, entre a massa dos fatos físicos, o grupo específico dos fatos da emotividade. A Fenomenologia indicará, portanto, já que, do mesmo modo, recorreremos implicitamente à essência da emoção, que re-

→ *origem*

corramos também de uma forma explícita e que fixemos de uma vez para sempre, por meio de conceitos, o conteúdo dessa essência. Podemos conceber bastante bem que, para ela, a idéia do homem não seria, tampouco, um conceito empírico, produto de generalizações históricas, mas que precisamos, pelo contrário, de utilizar, sem o dizer, a essência "*a priori*" de ser humano para dar uma base algo sólida às generalizações do psicólogo. Além disso, por outro lado, a Psicologia, encarada como ciência de certos fatos humanos, não poderia ser um início, visto que os fatos físicos com que deparamos nunca são os primeiros. São, sim, na sua estrutura essencial, reações do homem contra o mundo; pressupõem, portanto, o homem e o mundo e não podem assumir o seu verdadeiro sentido se, primeiramente, essas duas noções não forem elucidadas. Se desejarmos fundar uma Psicologia, teremos de ir bem mais alto do que o psíquico, mais alto do que a situação do homem no mundo; teremos de ir até à origem do homem, do mundo e do psíquico: a consciência transcendental e constitutiva que alcançamos pela "redução fenomenológica" ou "colocação do mundo entre parênteses". É essa consciência que é necessário interrogar e aquilo que dá valôr às suas respostas é o fato dela ser precisamente *minha*. Dêsse modo, HUSSERL soube tirar partido da proximidade absoluta da consciência, em relação a ela mesma, proximidade essa de que não se quis aproveitar o psicólogo. HUSSERL tira partido dela com conhecimento de causa e com uma segurança total, visto que tôda consciência existe na me-

dida exata em que é consciência de existir. Todavia, tanto neste aspecto como em nível mais elevado, recusa-se a interrogar a consciência sobre fatos: voltáramos a encontrar no plano transcendental a desordem da Psicologia. O que HUSSERL tenta descrever e fixar por meio de conceitos são, precisamente, as essências que presidem ao desdobrar do campo transcendental. Haverá, assim, por exemplo, uma Fenomenologia da emoção que, depois de ter “colocado o mundo entre parênteses”, estudará a emoção como puro fenômeno transcendental, fazendo-o, não por meio de emoções determinadas, mas tentando alcançar e elucidar a essência transcendental da emoção, como tipo organizador de consciência. É igualmente dessa proximidade absoluta do investigador e do objeto investigado que partirá outro fenomenólogo: HEIDEGGER. Aquilo que diferenciará toda a investigação sobre o homem dos outros tipos de questões rigorosas é, justamente, o fato privilegiado de que a realidade humana é *nós-mesmos*: “O existente que devemos analisar”, escreveu HEIDEGGER, “é nós-mesmos. O ser dêsse existente é *meu*.”<sup>1</sup> Na verdade, não é indiferente que essa realidade humana seja *eu* porque, precisamente, para a realidade humana, existir é sempre *assumir* o ser, isto é, ser-se responsável por êle, em vez de o receber do exterior como o faz uma pedra. E, além do mais, como a “realidade-humana” é, pela sua essência, a sua própria possibilidade, êsse existente pode-se “escolher” êle mesmo no seu ser, “pode-se ganhar,

---

(1) *Sein und Zeit.*, pág. 41.

pode-se perder”.<sup>2</sup> Essa “assunção” de ser que caracteriza a realidade-humana implica uma compreensão da realidade humana, por ela própria, por mais obscura que seja essa compreensão. “No ser dêsse existente, êste relaciona-se êle mesmo com o seu ser.”<sup>3</sup> O que sucede, com efeito, é que a compreensão não é uma qualidade vinda do exterior para a realidade-humana: é a sua própria forma de existir. Dêsse modo, a realidade humana, que é *eu*, assume o seu próprio ser, compreendendo-o. Essa compreensão é a minha. Sou, portanto, antes do mais, um ser que compreende mais ou menos obscuramente a sua realidade de homem, o que significa que me faço homem ao compreender-me como tal. Posso interrogar-me, pois, e, sôbre as bases dessa interrogação, poderei ser bem sucedido numa análise da “realidade-humana”, a qual poderá servir de fundamento a uma Antropologia. Neste aspecto, também não se trata de introspecção, naturalmente, visto que, em primeiro lugar, a introspecção só depara com o fato e, em seguida, porque a minha compreensão da realidade humana é obscura e inautêntica. Terá de ser tornada explícita e de ser corrigida. De qualquer modo, a hermenêutica da existência vai fundar uma Antropologia e esta Antropologia servirá de base a tãda a Psicologia. Encontramo-nos, portanto, na situação inversa da situação em que estão os psicólogos, visto que partimos dessa totalidade sintética que é o homem e que estabe-

(2) *Ibid.*, pág. 41.

(3) *Ibid.*, pág. 43

leemos a essência do homem *antes* de estreamos na Psicologia.

De qualquer modo, a Fenomenologia é o estudo dos fenômenos — não dos fatos. E por fenômeno devemos entender “aquilo que se denuncia por si mesmo”, do que a realidade é, justamente, a aparência. “E essa *denúncia de si mesmo* não é qualquer uma . . . o ser do existente não é qualquer coisa *por trás da qual* ainda existe qualquer outra coisa *que não aparece*.”<sup>4</sup> Na verdade, *existir* para a realidade-humana é, segundo HEIDEGGER, assumir o seu próprio ser numa forma existencial de compreensão; *existir*, para a consciência, é *aparecer-se*, segundo HUSSERL. Como a aparência é, nesse conceito, o absoluto, é a aparência que é preciso descrever e interrogar. Segundo esse ponto de vista, em cada atitude humana — por exemplo, na emoção, visto que falamos dela há pouco — HEIDEGGER pensa que encontraremos o todo da realidade-humana, já que a emoção é a realidade-humana que se assume por si mesma e se “dirige-emocionada” para o mundo. HUSSERL, por seu lado, pensa que uma descrição fenomenológica da emoção trará à luz as estruturas essenciais da consciência, visto que uma emoção é, precisamente, uma consciência. E, reciprocamente, surgirá um problema do qual o psicólogo nem sequer suspeita: poder-se-á conceber consciências que não incluíssem a emoção nas suas possibilidades ou será que devemos ver na emoção uma estrutura indispensável da consciência? Assim, o

(4) *Ibid.*, págs. 35-36.

fenomenólogo interrogará a emoção *sobre a consciência* ou *sobre o homem*; perguntar-lhe-á não só o que ela é, mas ainda o que ela tem a ensinar-nos sobre um ser do qual um dos caracteres é, justamente, ser capaz de se emocionar. E, inversamente, interrogará a consciência, a realidade humana, sobre a emoção: que deverá ser uma consciência, afinal, para que a emoção seja possível, talvez mesmo para que seja necessária?

Já podemos compreender, agora, as razões da desconfiança que o psicólogo sente pela Fenomenologia. A precaução inicial do psicólogo consiste, na verdade, em considerar o estado psíquico de tal forma que lhe retire tôda a significação. O estado psíquico, para êle, é sempre um *fato* e, como tal, sempre acidental. Esse caráter acidental é mesmo aquêle a que o psicólogo mais importância presta. Se se perguntar a um sábio: por que os corpos se atraem segundo a lei de NEWTON?, êsse sábio responderá: *não sei; porque é assim mesmo*. E se se lhe perguntar: e que *significa* essa atração?, êle responderá: *não significa coisa alguma, existe*. Do mesmo modo, o psicólogo, interrogado sobre a emoção, orgulha-se muito com a sua resposta: “existe; por quê?, não sei; limito-me a constatá-la. Não lhe conheço qualquer significado”. Pelo contrário, para o fenomenólogo, todo fato humano é, por essência, significativo. Se lhe retirarem a sua significação, retirar-lhe-ão também a sua natureza de fato humano. A tarefa do fenomenólogo será, pois, estudar a significação da emoção. Que devemos entender por isso?

Significar é indicar outra coisa; é indicá-la de tal maneira que, pela revelação da significação, encontrar-se-á precisamente o significado. Para o psicólogo, a emoção nada significa, visto que êle a estuda como um fato, isto é, separando-a de tudo o mais. A emoção será, portanto, desde a sua origem, não-significativa; todavia, se na verdade todo fato humano é significativo, a emoção segundo o psicólogo, é, por natureza, morta, não-psíquica, desumana. Se quisermos fazer da emoção um verdadeiro fenômeno, à maneira dos fenomenólogos, teremos, pelo contrário, de a considerar, antes do mais, como significativa. Isso quer dizer que teremos de afirmar que a emoção é na medida exata em que ela significa. Não nos perderemos, antes, nos estudos dos fatos fisiológicos, visto que, precisamente, êsses fatos, tomados por si mesmos e isoladamente, *quase* não significam coisa alguma: são, eis tudo. Mas, inversamente, tentaremos, desenvolvendo o significado dos comportamentos e da consciência emocionada, tornar explícito o significado. Êste significado, já sabemos desde a origem o que é: a emoção significa *à sua maneira* o todo da consciência ou, se nos colocarmos no plano existencial, o todo da realidade-humana. Essa emoção não é um acidente porque a realidade-humana não é uma soma de fatos; ela exprime, sob um aspecto definido, a totalidade sintética humana na sua integridade. E, por essas palavras, não se deve entender que ela é o *efeito* da realidade-humana. A emoção é essa realidade-humana, ela mesma, realizando-se sob a forma de "emoção". Dessa forma, seria impossível considerar a

emoção como uma desordem psicofisiológica. A emoção tem a sua essência, as suas estruturas determinadas, as suas leis de revelação, a sua significação. Ela não poderia vir do *exterior* para a realidade-humana. É o homem, pelo contrário, que *assume* a sua emoção e, por conseguinte, a emoção é uma forma organizada da existência humana.

Não é nossa intenção tentar aqui um estudo fenomenológico da emoção. Este estudo, se fôsse necessário classificá-lo, poderia ser tomado como dedicado à afetividade como modo existencial da realidade humana. Todavia, as nossas ambições são mais limitadas. Desejaríamos tentar verificar, num caso específico e concreto, o da emoção, justamente, se a Psicologia pura pode extrair um método e ensinamentos da Fenomenologia. Estamos convencidos de que a Psicologia não põe o homem em questão nem coloca o mundo entre parênteses. A Psicologia, na verdade, preocupa-se com o homem no mundo, tal como êle se apresenta através de uma imensidade de situações: no bar, no seio da família, na guerra. De modo geral, o que interessa à Psicologia é o *homem na situação*. A Psicologia, como tal, encontra-se, como já vimos, subordinada à Fenomenologia, visto que um estudo verdadeiramente positivo sobre o homem na situação deveria ter elucidado, primeiramente, as noções do homem, do mundo, do ser-no-mundo, da situação. Contudo, afinal de contas, a Fenomenologia nasceu há bem pouco tempo, e estas questões tôdas ainda estão longe da sua elucidação definitiva. Deverá a Psicologia aguardar que

a Fenomenologia alcance a maturidade? Não o acreditamos. Todavia, se a Psicologia não aguardar a constituição definitiva de uma Antropologia, deverá pelo menos ter presente que essa Antropologia é possível e que, se um dia se realizar, tôdas as disciplinas psicológicas terão de recorrer a ela como ponto de partida. No momento, não deverá ter como finalidade tanto recolher fatos quanto interrogar os *fenômenos*, ou seja: precisamente os acontecimentos psíquicos, na medida em que estes são significações e não na medida em que eles são feitos puros. Reconhecerá, por exemplo, que a emoção *não existe* como fenômeno corporal, já que um corpo não pode ser emocionado, por lhe ser impossível conferir um sentido às suas próprias manifestações. Procurará imediatamente, então, um além das perturbações vasculares ou respiratórias, sendo êsse além o *sentido* da alegria ou da tristeza. Contudo, como êsse sentido não é exatamente uma qualidade colocada do exterior sobre a alegria ou a tristeza, como não existe a não ser na medida em que se faz aparecer, isto é, em que é “assumido” pela realidade-humana, a consciência é que será interrogada, pois a alegria só é alegria na medida em que aparece como tal. E, justamente por ela não procurar os fatos e sim as significações, abandonará os métodos de introspecção indutiva ou de observação empírica externa para passar unicamente a procurar apreender e fixar a essência dos fenômenos. Considerar-se-á então, também, portanto, como uma ciência eidética. Todavia, através do fenômeno psíquico, não se dedicará ao *significado*, como tal, ou seja, precisamente à totalidade humana. A verdade é que não dispõe de suficien-

tes meios para tentar êsse estudo. O que lhe interessará unicamente é o fenômeno *na medida em que êle significa*. Da mesma forma, poderei tentar apreender a essência do “proletariado” através da palavra “proletariado”. Nesse caso, estar-me-ia dedicando à Sociologia. Mas o lingüista, por seu lado, estuda a palavra proletariado *na medida em que ela significa proletariado* e preocupar-se-á com as vicissitudes da palavra na medida em que ela transmite significação. Tal ciência é perfeitamente possível.

Que lhe faltará para ser autêntica? Ter prestado as suas provas. Já demonstramos que, se a realidade-humana aparece ao psicólogo como uma coleção de dados heteróclitos, é porque o psicólogo se colocou voluntariamente no terreno em que essa realidade lhe devia aparecer como tal. Mas isso não implica necessariamente que a realidade-humana seja outra coisa que uma coleção. O que provamos foi unicamente o fato dela não poder aparecer de outra forma ao psicólogo. Falta saber se, no fundo, a realidade-humana pode suportar uma investigação fenomenológica, isto é, se a emoção, por exemplo, é verdadeiramente um fenômeno significativo. Para têmos a certeza, só existe um meio, o de, o qual de resto é o indicado pelo fenomenólogo, “ir ao fundo das próprias coisas”. Peço que considerem as páginas seguintes como uma *experiência* de Psicologia Fenomenológica. Vamos tentar colocar-nos no terreno da significação e tratar a emoção como *fenômeno*.

**des émotions**

**Esquisse d'une théorie**

**J.-P. Sartre**

**Hermann**